

RUMO AO BRASIL PODEROSA ESQUADRA



VITÓRIA DA CRISTANDADE

Derrota dos turcos em Viena



ROMA SAQUEADA!

Roma, 8, maio, 1527 (Urgente)

Esta cidade vive momentos dramáticos com o saque brutalmente praticado pelos exércitos de Carlos V, comandados pelo duque de Bourbon, renegado francês, que tombou morto durante o assalto.

O papa Clemente VII foi aprisionado no castelo de Santo Ângelo, enquanto os bandos armados se dedicavam à pilhagem e à profanação, sem respeitar igrejas, conventos ou mosteiros. A maioria dos invasores pertence às hostes luteranas da Alemanha.

Em meio ao tumulto reinante, este correspondente pôde verificar que inúmeros quadros, esculturas e obras de arte foram destruídos e queimados pelos saqueadores. O número de mortos é ainda desconhecido, assim como o de feridos. As perdas materiais e artísticas são incomensuráveis.

ASTRÓLOGO PROFETIZA SOBRE BRASIL

Lisboa, 1525

Sabe-se agora que um astrólogo famoso desta cidade, logo que teve notícia do descobrimento do Brasil, «levantou uma figura» e fez a seguinte profecia: — «A terra descoberta há de ser opulenta província, refúgio e abrigo de gente portuguesa.»

BOMBARDEADA ITAMARACÁ

Pernambuco, dezembro, 1530 (Urgente)

A feitoria de Itamaracá foi bombardeada, saqueada e ocupada por um galeão francês. Os prejuízos são quase que totais. Os poucos colonos aqui residentes temem outros assaltos e aguardam com ansiedade a chegada da nova frota de patrulhamento.

CIDADE FLUTUANTE

Havre, novembro, 1530 (Do correspondente)

Uma verdadeira cidade flutuante está sendo construída nos estaleiros deste porto, por encomenda do rei Francisco I. Trata-se de obra mirabolante e em cujo sucesso ninguém acredita: um barco tão grande que poderá transportar nada menos de 1.500 pessoas!

O barco terá 5 mastros, devendo dispor, entre outras coisas, de uma capela; forja; forno; jôgo de pela e moinho de vento! Já foi até batizado pelo Rei com o nome de «Grande-Françoise.»

Armadores locais, ouvidos pela reportagem, declararam que se trata de um sonho fantástico e de «uma louca experiência que consumirá uma verdadeira fortuna.»

As setas mostram os avanços otomanos na Europa Central

Viena, 17, outubro, 1529 — (Do correspondente de guerra)

Sob o comando de Nicolas de Salm, Viena resistiu ao cerco dos turcos que sitiavam esta cidade desde o dia 27 do mês passado.

Apesar de todos os recursos tentados principalmente contra a porta de Carintio, os otomanos não avançaram um palmo dentro dos limites desta cidade. Todo o povo tomou parte na luta. A neve, a lama e o mau tempo constante, contribuíram decisivamente para derrotar os invasores. Desde antes que Solimão desistiu de efetuar operações militares. Baldados todos os esforços, inclusive a abertura de túneis para entrar subterraneamente na cidade, e não dispondo da moderna artilharia pesada dos exércitos europeus, Solimão e seus janizaros começaram hoje a retirada do território austríaco.

(Conclui na pág. 2)



ANA Terá olhos de rainha?...

COROA DE FERRO NA CABEÇA DE CARLOS V

Cambray, 5, agosto, 1529

Este correspondente assistiu hoje à assinatura de um tratado entre Carlos V e Francisco I, depois de um segundo período de guerra. A «Paz das Damas», como está sendo chamada, chegou a bom termo graças ao trabalho diplomático de duas mulheres: Luísa de Savóia, mãe de Fran-



Margarida

cisco I, e Margarida de Áustria, tia de Carlos V. A 13 de janeiro de 26, o Rei de França, prisioneiro do Imperador em Madri, foi obrigado a assinar um tratado no qual renunciava às suas pretensões na Itália, à suzerania no Flandres e no Artois, e entregava a Borgonha a Carlos V.

Sobre os acontecimentos que se sucederam entre o tratado de janeiro de 26 e o de hoje, publicamos nesta edição os despachos recebidos dos nossos correspondentes.

(Conclui na pág. 2)

OBJETIVOS

1. — Repressão à pirataria
2. — Exploração do Rio da Prata
3. — Colonização

491
12.2636

Lisboa, 3, dezembro, 1530

Nascido no mesmo ano da descoberta de Vera Cruz e, portanto, com 30 anos de idade, parte, hoje, para aquelas terras, Martim Afonso de Sousa, nomeado por D. João III «Governador do Brasil» e capitão-mor de uma esquadra composta de duas naus, um galeão e duas caravelas.

Este reporter, que seguirá viagem como enviado especial de O BRASIL EM JORNAL, vem acompanhando desde o início os acontecimentos ligados à expedição.

O interesse da Espanha pelo Rio da Prata foi a gota d'água que fez apressar uma providência mais séria da Coroa portuguesa. O plano principal



MARTIM AFONSO Nasceu com o Brasil

(Conclui na pág. 2)

o Brasil em Jornal

1526/30 N.º 3	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atrasado: Cr\$ 15,00
Diretor: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES

Inglaterra sob o signo de dois olhos negros

Londres, 31, dezembro, 1530 (Urgente)

Aparentemente por causa dos belos olhos negros de uma camareira, a Inglaterra está à beira de uma grave crise nacional e internacional, esperando-se, para os próximos dias do novo ano, acontecimentos que envolverão a Igreja e as boas relações com o Papa.

A bomba estourou em 1527, quando Henrique VIII, apaixonado por Ana Bolena, solicitou ao papa Clemente VII que considerasse sem efeito a «licença» que outro Papa — Júlio II — dera, há 21 anos precisamente, para que o Rei contraísse núpcias com Catarina de Aragão, viúva de seu irmão e, portanto, sua cunhada. Dessa união real, Catarina teve cinco filhos, dos quais apenas uma menina doentia — Maria Tudor, hoje princesa de Gales — sobreviveu.

(Conclui na pág. 2)



HENRIQUE Acha que sim...

O DEMONIO PROTEGE PIRATA

Lisboa, 1529

— «O pirata Sinam, capitão de Barbarroxa, tem parte com o diabo, graças à magia-negra que pratica. De outra forma não podemos justificar os seus triunfos.»

Essa declaração foi colhida pelo repórter de O BRASIL EM JORNAL no cais desta cidade, em meio a um grupo de capitães. Marinheiros e pilotos contam, a quem os quiser ouvir, histórias arrepiantes sobre o pirata Sinam.

De acordo com eles, o corsário consegue, graças à magia-negra e ao contrato que tem com o diabo, reconhecer sua posição no mar, com qualquer tempo, usando apenas sua arma predileta, a arbaleta.

Rumo ao Brasil poderosa esquadra

VITÓRIA
DA CRISTANDADE:

Derrota dos turcos

(Conclusão da pág. 1)

prevê a fundação de uma forte povoação próximo àquela região.

No recrutamento de voluntários para a esquadra, as palavras-chave foram: «Rumo ao Rio da Prata!» O número de inscritos foi enorme. A tripulação se compõe ao todo de 400 pessoas, na média de 80 por barco.

A INGLATERRA SOB O SIGNO DE DOIS OLHOS NEGROS

(Conclusão da pág. 1)

Passados 18 anos, «descobriu» Henrique, em 1527, que a «licença» dada por Júlio II «não era válida», pois o casamento «colidia com os textos sacros». Por outro lado, os conselheiros e amigos do Rei e — por que não dizer? — a maioria dos nobres e da burguesia, julgam que Sua Majestade precisa ter um herdeiro homem, uma vez que temem pela sorte do reino, se colocado nas mãos de uma frágil mulher. Segundo eles, a Inglaterra poderia vir a ser dominada por um príncipe estrangeiro que se tornasse «príncipe consorte».

Esse herdeiro, Catarina de Aragão não poderia mais dar a Henrique VIII. Encorajado pelos que o cercam, o Rei, de temperamento impulsivo, amoroso, volúvel, brutal, e de uma violência de atitudes que aos poucos se vem acentuando, se tornou presa fácil do capricho de Ana Bolena, camareira da Rainha, que só aceitará sua côrte, se fôr feita sua esposa legítima, com direito à Coroa...

O papa Clemente VII, colocado entre dois fogos (Inglaterra de um lado e Carlos V, tio de Catarina, de outro), vem protelando uma decisão definitiva em torno do pedido que equivale a uma anulação, à qual muitos chamam divórcio. Em julho do ano passado, Henrique VIII começou a perder a sua pouca paciência, quando o Papa retirou os poderes que delegara ao cardeal-chanceler da Inglaterra, Wolsey, e a um seu legado, para decidirem em Londres a questão.

Por causa disso, Wolsey, ministro de Henrique desde a sua ascensão ao trono, perdeu sua posição, teve seus bens confiscados e foi confinado ao arcebispado de York. Em novembro, o ex-chanceler antes tão poderoso, foi acusado de traição, e preso. Agora vem de ser confirmada a notícia de que ele morreu, de esgotamento e fadiga, na carruagem que o trazia para julgamento nesta cidade.

Nossos informantes em Palácio prevêem para os primeiros dias do ano que amanhã se inicia, graves acontecimentos. O Parlamento e a Câmara dos Lordes, instrumentos dóceis nas mãos do Rei, deverão tomar graves decisões contra a Igreja.

Ainda ontem, afirmava o Rei, perante o Conselho, que são necessárias urgentes e imediatas medidas para «corrigir as falhas do clero inglês». Por trás de tudo isto, certamente, Ana Bolena tece a sua trama e instiga Henrique VIII, a serviço de interesses inconfessáveis.

OS OBJETIVOS SIGILOSOS

Fomos os únicos jornalistas que obtivemos um esboço do regimento sigiloso dado pelo Rei a Martim Afonso. Além do combate à pirataria, princípio de colonização e exploração do litoral, leva o Capitão a missão de, se possível, apoderar-se da região do Rio da Prata, instalar gente ali, alcançar terras centrais e, serra-acima, atingir o misterioso Peru que os espa-

nhóis buscam alcançar pelo outro lado.

OS BARCOS

Além do galeão-capitânia os barcos são: «Princeza», comandado por Baltasar Gonçalves; «Rosa», de Diogo Leite; «São Miguel», de Heitor de Sousa e «São Vicente» de Pero Lobo Pinheiro. O galeão tem 150 toneladas. As naus, 125. As galeras são menores.

COROA DE FERRO NA CABEÇA DE CARLOS V

(Conclusão da pág. 1)

A LIGA DE COGNAC

Cognac, 30, maio, 1526 — Francisco I, em liberdade, proclama a ilegalidade do Tratado de Madri. Em entrevista exclusiva a este jornal, declarou: — «Assinei sob coação. Disso tenho provas, uma vez que um notário tomou por termo a impossibilidade em que me encontrava de agir livremente. Não entregarei a Borgonha a Carlos V, a não ser que os borgonheses o queiram.»

O Rei se encontra nesta cidade para formação de uma liga militar contra o Imperador. Houve uma tremenda reviravolta no panorama europeu, uma vez que quase todos os príncipes e soberanos passaram a temer o crescente poderio de Carlos V. Assim é que esta Liga conta com o apoio do Papa, de Veneza, de Florença, dos Sforza, de Henrique VIII, do polonês Laczko, do espanhol proscrito Rincon e de Zapolya (aliado do sultão Solimão).

A Inglaterra está ao lado da França desde agosto de 25, quando a Rainha-Mãe comprou o apoio de Henrique VIII com uma pensão de 200 mil escudos-ouro por ano.

PREPARATIVOS DE CARLOS V

Madri, 15, junho, 1526 — Carlos V está negociando com os persas e o rei de Tunis para enfrentar a Liga de Cognac. Aqui só se fala em nova guerra. Muitos não compreendem porque Carlos V, tendo tido nas mãos a França vencida, com seu Rei aprisionado, contentou-se com a paz, em vez de tirar maior proveito da situação. Podemos informar, no entanto, que essa atitude se deveu a motivos financeiros, pois o Imperador não tinha mais com que pagar seus exércitos e teve de desmobilizá-los em grande parte.

LIBERTADO O PAPA

Madri, dezembro, 1527 (Urgente) — Libertado o mês passado do cativo a que foi submetido depois do saque de Roma, o papa Clemente VII se reconciliou com Carlos V, assinando com ele o Tratado de Barcelona.

DECLARADA A GUERRA!

Paris, janeiro, 1528 (Urgente) — Foi declarada a guerra! As tropas francesas se prepararam para a «revanche» contra os imperiais. Os borgonheses, por seus representantes no Parlamento desta cidade, se declararam formalmente contrários à anexação de suas terras aos domínios de Carlos V.

«REI COVARDE»

Madri, fevereiro, 1528 — Ouvimos o imperador Carlos V sobre a declaração de guerra da França e o rompimento do Tratado de Madri. Sua Majestade se limitou a dizer: — «Francisco I agiu covarde e perversamente.»

«DESLAVADO MENTIROSO»

Paris, março, 1528 — Tomando conhecimento da declaração de Carlos V a O BRASIL EM JORNAL, o Rei de França reagiu com as seguintes palavras: «Carlos V não passa de um deslavado mentiroso!»

DUELO FRACASSADO

(Condensação dos despachos recebidos de nossos correspondentes, de março de 28 a julho de 29).

Um duelo real esteve por realizar-se em princípios de 28.

Carlos V, julgando-se ofendido pelas declarações de Francisco I, lançou-lhe um desafio para combate singular, desafio aceito pelo rei francês. Mas o duelo não teve lugar e a guerra se travou com grandes perdas de parte a parte, quase sempre sobre terras italianas.

Neste momento, ambos os soberanos estariam dispostos a assinar a paz. Para isso vem trabalhando ativamente Luísa de Savóia e Margarida da Áustria, porta-voz dos pacíficos Países-Baixos.

NINGUÉM ACREDITA

Cambrai, 10, agosto, 1529 — Ninguém acredita na longa duração da paz assinada nesta cidade. Carlos V desistiu da Borgonha, mas Francisco I continua fora de Flandres e dos Estados italianos. O Rei de França aceitou como esposa Leonor, irmã de Carlos V, e viúva de D. Manuel de Portugal.

COROADO IMPERADOR

Bolonha, 24, fevereiro, 1530 (Urgente) — Com grande pompa a «Coroa de Ferro» dos reis lombardos foi hoje colocada sobre a cabeça de Carlos V pelo papa Clemente VII. Eleito imperador aos 19 anos, agora, no auge do seu poderio, com 30 anos, ele se vê numa paz duvidosa, pois a extensão do seu império, «onde o sol não se deita», faz com que todas as outras potências da Europa não vejam com bons olhos esse dia eterno...

MORRE MARGARIDA

Malines, 1530 — Morreu, nesta cidade, Margarida da Áustria, que tanto lutou pela paz europeia.

Já a bordo, ouvimos vários dos tripulantes, todos cheios de alegria e certos de que logo retornarão, carregados de ouro e prata.

Pero Lopes de Sousa, irmão do capitão-mor, ao lado de quem viajamos, é um excelente homem e nosso melhor informante. A bordo da esquadra anotamos entre outros os pilotos Vicente Lourenço e Pedro Anés, este também intérprete; Henrique Montes, provedor de mantimentos; o escrivão Manuel Alboim; o feitor Heitor de Almada; o padre Gonçalo Monteiro e o bombardeiro Diogo Vaz.

Nem todos os tripulantes são voluntariamente. Vão conosco alguns degredados em pagamento de seus vícios e crimes.

QUEM É O GOVERNADOR GERAL

O homem que nesta esquadra leva poderes quase que absolutos e que tem, por coincidência, a mesma idade da terra que vai patrulhar, colonizar e conquistar, é um fidalgo de alta linhagem, e, quando jovem, serviu ao então príncipe herdeiro D. João, chegando mesmo a ser um dos seus mais íntimos validos, juntamente com D. António de Ataíde. Casou-se na Espanha com d. Ana Pimentel, filha do regedor de Salamanca e Talavera. Voltou à côrte portuguesa a chamado do próprio Rei, ao qual tão de perto servira na juventude.

Agora, recebe esta importante missão, num momento em que a Coroa resolve dar ao Brasil uma assistência maior, tendo em vista os perigos que ameaçam a sua posse.

COBERTURA JORNALÍSTICA

Nosso enviado especial manterá permanente contato conosco, permitindo aos leitores de O BRASIL EM JORNAL acompanhar de perto a expedição.

NEGOCIAÇÕES SOBRE PIRATARIA

Lisboa, 16, janeiro, 1530

D. João III enviou hoje carta a Francisco I, por intermédio de seu embaixador João da Silveira, na qual se propõe a emprestar-lhe cem mil cruzados e promete ainda outras vantagens, desde que o Rei de França casse a carta-de-corso de João Angó e obrigue os piratas franceses a restituir o que tomaram a portugueses no mar.

Em instruções reservadas a João da Silveira, D. João III autorizou-o a comprar funcionários franceses que possam facilitar a sua missão, pagando-os «com algum proveito secreto.»

A carta-de-corso dada a Angó por Francisco I, corresponde a uma licença real para executar atos de pirataria contra portugueses e espanhóis. Ela representa uma represália contra Portugal por causa dos três navios atacados e apresados por Cristóvão Jaques e para cujos armadores o Rei de França pediu uma indenização a Portugal no valor de 60 mil cruzados, negados por D. João III.

Nos últimos dias do ano passado chegou a esta capital um novo embaixador de Francisco I, Pedro de La Garde, oferecendo a cassação da carta-de-corso, desde que D. João lhe emprestasse 300 mil cruzados.

(Conclusão da pág. 1)

A cidade, apesar das grandes perdas e dos sofrimentos que atravessou, aclama seu comandante Nicolas de Salm e dança em festa à margem do Danúbio.

Esta foi a primeira grande vitória do Ocidente, desde que os otomanos iniciaram sua ofensiva sobre a Europa.

ANTECEDENTES

(Condensado dos despachos de nossos correspondentes no «front» húngaro)

A primeira grande ofensiva turca sobre a Europa Central se deu em meados de 1526, quando se iniciou a marcha sobre a Hungria.

Os poderosos e disciplinados exércitos turcos, sob o comando de Solimão, o Magnífico, se lançaram numa terrível carga sobre Mohacs, depois de terem derrotado os húngaros em Petrovaradin, a 17 de julho de 26, e em Úljak a 9 de agosto. O rei Luís II retirou-se com o governo e as tropas sobreviventes para Mohacs, onde se preparou para resistir.

A 30 de agosto, nosso correspondente (gravemente ferido na frente de combate) nos enviou dramático despacho relatando o desastre. Depois de 2 horas de sangrentos combates travados sob fortes temporais, quando os homens e os cavalos patinavam e se afundavam na lama, tingindo-a de sangue, nada menos de 24 dos 25 mil soldados magiares ficaram nos pantanos e nos alagadiços, de mistura com alguns milhares de turcos. Morreram 12 mil húngaros por hora!

Nosso correspondente descreveu o terrível fim de Luís II: — «Eu fui um dos descobridores do corpo do Rei magiar, em meio a uma poça de lama. Ele estava morto juntamente com tantos milhares de súditos e comandados.»

Sem rei, sem exército regular e desunida pelas dissensões internas, a Hungria tombou sob o tacão das tropas turcas. Suas duas grandes cidades, uma de cada lado do Danúbio, Buda e Peste, caíram rapidamente e foram em grande parte incendiadas, pilhadas e destruídas. Os soldados turcos se entregaram ao saque e à violência, massacrando a população aterrorizada.

A 11 de setembro de 26 as baixas húngaras eram calculadas em cerca de 200 mil pessoas.

Em Tokai, 16 de outubro de 26, João Zapolya foi colocado por Solimão no trono da Hungria.

Os magiares se tornavam, assim, num estado vassalo do império otomano.

No entanto, em Presburgo, dois meses depois, a Hungria livre elegia Fernando, irmão do Imperador Carlos V, verdadeiro rei em sucessão a Luís II. Atacando Zapolya, Fernando obrigou-o a solicitar o auxílio de Solimão.

O mapa do nosso correspondente mostra as duas principais fases das campanhas turcas na Hungria e na Áustria. A primeira, em 26, cobrindo os avanços até Buda. A segunda, este ano, com a volta de Solimão, que esteve a pique de ocupar Veneza, juntamente com o título Zapolya.

INFANTARIA

A infantaria está readquirindo a importância de que desfrutava nos tempos da Grécia e de Roma. A artilharia, por sua vez, surge como terrível arma, cujo poder ficou plenamente demonstrado nas guerras da Itália. Em consequência, a cavalaria, principal elemento dos exércitos feudais, se transforma em arma auxiliar com sua importância absolutamente reduzida a segundo plano.

Os suíços deram à formação da infantaria características de verdadeira fortaleza ambulante, erigida de lanças que medem nada menos de 5 metros. Combatendo em massa compacta dificultam a aproximação do inimigo.

No entanto, nas últimas fases das guerras da Itália, os espanhóis encontraram o caminho da superação sobre os suíços, passando a constituir das mais completas e perigosas tropas de infantaria da Europa. Gonzalo de Córdoba, responsável pela organização da infantaria espanhola, adotou na sua formação e adestramento o «térccio» composto de 6 mil homens comandados por um coronel. Esse «térccio» se divide em 12 unidades (batalhões) com 500 soldados cada uma: 200 armados com lanças de 5 metros, cuja base se apóia no pé; 200 com azagaias, espadas e escudos, e os outros 100, com arcabuzes.

Essa formação deu à infantaria espanhola uma extraordinária mobilidade que a tornou, principalmente em terreno acidentado, muito superior à suíça.

GUERRAS E GOLPES NA ÍNDIA

Cananor, Índia, 2, fevereiro, 1526

Com apenas 30 anos, vítima de uma chaga na perna, morreu hoje o Governador das Índias, Henrique de Meneses. Desde os vinte e poucos anos que ele combatia destacadamente pela sua pátria, Portugal. Sua carreira é um rosário de êxitos. Dentre eles, se destaca o aniquilamento total de uma frota de piratas.

Há um ano abriu hostilidades contra o samorim de Calecute. Partindo de Cochim com 50 naus e 2 mil homens, arrasou seguidamente, embora com efetivos inferiores ao inimigo, as cidades de Panane e Coulete. Em caminho, quebrou um braço e, ao ser socorrido bradou: — «Não preciso de braço para guerrear!»

Em Calecute 120 portugueses estavam cercados na sua pequena fortaleza. Um artilheiro dos sitiados, Fernão Pires, não perdeu um só tiro. Por outro lado, Duarte Fernandes, vestido de faquir, saía à noite para espionar. Enquanto isso, a fome e a sede ameaçavam afrouxar cada vez mais a resistência.

O samorim de Calecute se preparava para dar o golpe final sobre a pequena fortaleza, quando surgiu na costa D. Henrique de Meneses com 61 navios e 8 mil soldados.

D. Henrique aniquilou completamente o exército de 40 mil homens do samorim, obrigando-o a assinar uma paz sem condições.

Meneses não se demorou em Calecute. Mas foi ali que o bravo guerreiro e administrador, morto tão jovem, deixou a grande mancha de sua carreira. Depois que os portugueses partiram, o povo de Calecute encheu a fortaleza abandonada para conhecer o local onde o púgilo de europeus tanto resistira. De repente, uma explosão formidável se ouviu. Tudo foi pelos ares. Em meio às pedras, corpos humanos esfaqueados, entre eles, mulheres e crianças...

O Governador hoje falecido, antes de retirar-se minara os alicerces da fortaleza com bombas poderosas que explodiram três horas depois do embarque da expedição punitiva.

Cananor, 1529

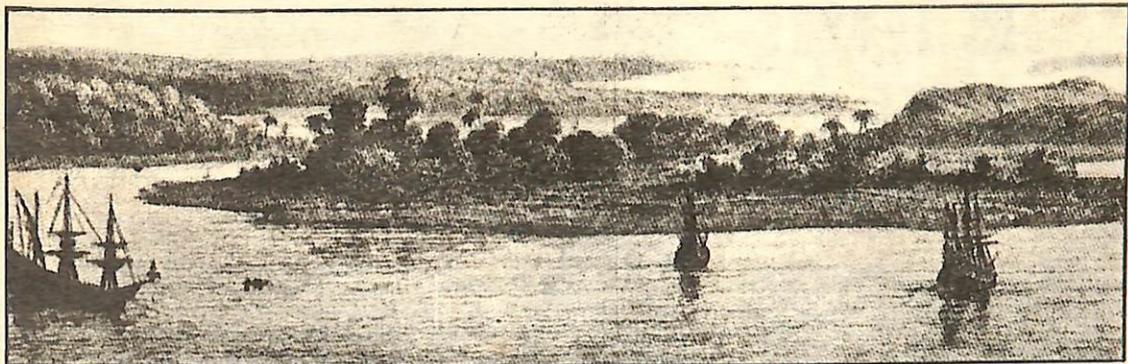
A bordo de uma nau, parte prisioneiro para a metrópole, Lopo Vaz de Sampaio. O Governador deposto ocupou fraudulentamente o governo da Índia, depois de um golpe contra o eleito, Pero Mascarenhas, uma vez que ele se encontrava em Málaca e, quando aqui chegou, a situação estava controlada por Lopo que colocou em todos os comandos homens de sua confiança.

Pero era o verdadeiro substituto de Henrique de Meneses. No entanto, logo após sua chegada, foi posto a ferro para não tentar tomar posse, enquanto o vedor Afonso Mexia legalizava o golpe, afirmando que o Rei D. João III nomeara Lopo.

Alguns nobres protestaram enérgicamente contra o esbulho, mas um julgamento feito sob pressão de Lopo, com o apoio de Mexia, deu ganho de causa ao usurpador.

Libertado, Pero Mascarenhas conseguiu atingir Lisboa, onde deu parte do golpe, ao soberano português. Agora, chegou Nuno da Cunha que já assumiu o governo e mandou a bordo de sua nau, aprisionado, Lopo Vaz de Sampaio, que assim viu terminar sua prolongada efetividade num governo absolutamente fraudulento e ilegal.

D. HENRIQUE
A morte venceu-o aos 30



Nosso enviado especial, quando do patrulhamento da esquadra do capitão Jaques, colheu este flagrante da costa do Brasil na região de Todos os Santos

Combates e aventuras nas costas do Brasil

Paris, 11, fevereiro, 1526 (Urgente)

O embaixador português João da Silveira acaba de dirigir correspondência diplomática a D. João III, comunicando que dez navios franceses se aprestam para partir rumo às costas do Brasil, com o fim, inclusive, de aprisionar os barcos que encontrarem.

CONFIRMADO FURO

Lisboa, setembro, 1526

Cristóvão Jaques foi nomeado «governador às partes do Brasil». Ao mesmo tempo, na carta de nomeação, datada de 5 de julho, D. João manda que regresse Pero Capico, que lá se encontra. Confirmando noticiário de O BRASIL EM JORNAL é o combate ao corso que faz com que o capitão Jaques rume para as costas do Brasil pela segunda vez. A bordo da capitânia (são 5 caravelas e uma nau), viaja um nosso enviado.

Pernambuco, julho, 1528 (Do enviado especial)

Aportamos à feitoria de Itamaracá em fins de 1526. O capitão Cristóvão Jaques fundou uma outra em Pernambuco e mandou Pero Capico de volta, com um carregamento de pau-brasil.

Patrulhamos a costa com 4 caravelas até o Rio da Prata e, no regresso, próximo à Ilha das Franceses, uma delas foi atacada por três naus gaulesas. O capitão apressou a marcha e conseguimos estabelecer combate num recôncavo dentro do Rio Paraguaçu.

Depois de um dia inteiro de luta, vencemos os franceses. O capitão Cristóvão não teve contempções. Assistimos ao enforcamento sumário dos pilotos dos três barcos, enquanto, na areia da praia, vários prisioneiros foram enterrados até os ombros e transformados em alvos de setas e arcabuzes. Muitos, fugindo, se internaram na mata para escapar ao castigo.

Trouxemos para Pernambuco 300 prisioneiros. Os navios aqui se encontravam fazendo corso e contrabando, e pertenciam a armadores franceses.

Esta terra é de fato muito rica e nela, provavelmente, se contém ouro, prata e pedras preciosas. Alguns índios, feitos prisioneiros e escravizados, têm sido mandados para Portugal.

SUBSTITUÍDO JAQUES

Pernambuco, setembro, 1528

O capitão Cristóvão Jaques foi demitido de suas funções e substituído por Antônio Ribeiro. Atribuiu-se a destituição de Jaques às queixas do espanhol Rodrigo de Acuña que aqui se encontra detido; aos informes de Gonçalo Leite e a uma carta de Diogo Leite, to-

dos revoltados com os métodos violentos e algumas vezes desumanos do capitão e ex-governador.

ODISSÉIA DE ACUÑA

Pernambuco, novembro, 1528 (Do enviado especial)

O governador Antônio Ribeiro despachou petição do capitão espanhol D. Rodrigo de Acuña, que assim retornará à Espanha.

Era comandante da nau «São Gabriel» que partira da Espanha, em armada, rumo às Molucas, em 24 de julho de 1525. Conseguimos entrevistá-lo para O BRASIL EM JORNAL. Ele próprio conta a sua odisséia nestas costas.

«Da minha frota fazia parte, como imediato, Del Cano, da galera «Vitória», que deu a primeira volta ao mundo. No estreito de Magalhães, a frota se desbaratou. Refugiei-me ao sul da ilha de Santa Catarina, onde encontrei naufragos do navio de Solis. Estavam tão confiantes na descoberta de ouro e prata no interior, que fizeram ficar muitos dos nossos. 32 deles, precisamente. Naveguei até o Rio de Janeiro, onde, em conselho, resolvemos não mais seguir o caminho das Molucas. De lá rumamos para a Bahia, onde 9 dos nossos devem ter sido devorados pelos índios.

«Num pôrto, próximo à foz do Rio S. Francisco, encontrei três navios franceses embarcando pau-brasil. Como meu barco fazia muita água, tive de correr o risco de enfrentá-los. Para surpresa minha, chegaram a ajudar-me, mas, quando a «São Gabriel» estava sem poder navegar, eles nos ameaçaram. Tomei um batel com alguns homens e dirigi-me até onde se encontravam, prometendo vinho e azeite para deixar-nos em paz. Enquanto discutia com os franceses, vi que a minha tripulação colocara o navio em condições de navegar e fugia para mar alto, abandonando seu próprio capitão.

«Os franceses nada puderam fazer. Um mês depois, quando zarparam, deixaram-nos num batel. Vagamos ao longo da costa 20 dias, comendo ostras e frutas silvestres, sempre apavorados com a provável aparição de índios.

«Graças a Deus, aportamos à Ilha de Santo Aleixo, e finalmente aqui viemos ter. O capitão Cristóvão Jaques negou-se a me dar embarque de volta à Espanha, coisa que agora consegui com Antônio Ribeiro.»

A EXPEDIÇÃO DE CABOTO

Sevilha, agosto, 1530 (Do correspondente)

Com apenas 20 dos 200 homens com os quais aqui partiu para as Molucas, chegou

derrotado, com seu barco vazio, embora contando histórias fantásticas, o capitão Sebastião Caboto. Seus companheiros foram vítimas de doenças, afogamentos ou das flechas dos índios no Rio da Prata.

Caboto havia partido daqui rumo às Molucas para reforçar a esquadra de Del Cano e Loyasa, na qual se encontrava Acuña. Aportou em Pernambuco em 4 de junho de 1526, onde encontrou uma feitoria portuguesa.

Zarpando, só voltou a ver terra no Sul, numa ilha onde fundeu, e à qual deu o nome de Santa Catarina. Castelhanos que próximo se encontravam, vítimas de algum naufrágio, vieram ter com ele, falando das riquezas que existiriam ao longo do Rio da Prata.

É o próprio Caboto que, entrevistado por este repórter em sua prisão, reconhece que resolveu tentar a subida do rio, uma vez que, perdida a nau-capitânia, não julgou boa a continuação da rota rumo às Molucas. Enfrentaram toda espécie de perigos, principalmente os índios, terminando por regressar.

Sebastião Caboto foi preso logo após a chegada.

MÚSICA

OS INSTRUMENTOS

Os instrumentos musicais começam a ter a importância devida. Deixam de ser meros utensílios familiares. Embora os musicistas, até aqui, tivessem feito prodígios nas partituras para cantores, as composições para instrumentação vinham sendo mediocres e os instrumentos, humildes auxiliares, nenhum progresso alcançaram.

Mas, da Alemanha, principiam a chegar notícias de melhoramentos. Órgãos e clavicórdios começam a ser fabricados com perfeição e os nomes dos primeiros virtuosos aparecem no noticiário especializado.

Em Nuremberg, Conrad Paumann, um organista célebre, cobre-se de glória e suas «tournées» pela Itália fazem sucesso. Igualmente a harpa, o «luth» e a flauta de boca saem da intimidade dos lares para os salões.

A linguagem musical desenvolve-se, e hoje pode-se tentar a síntese para a orquestração, graças aos aperfeiçoamentos técnicos.

A dança ganha novo encanto com a substituição de cantores por instrumentos, e o gosto musical se estende e se apura.

A semente de um grande Império

O BRASIL EM JORNAL aplaude a atitude da Coroa Portuguesa, resolvendo enviar ao Brasil uma poderosa frota de patrulhamento e colonização.

De fato, podemos afirmar que a data de 3 de dezembro de 1530 não assinala apenas a partida de uma esquadra. Mais que isso, é o principiar de uma nova época para a terra descoberta por Cabral.

Terra até agora relegada a último plano, enquanto a Ásia e a África monopolizaram a maior parte das naus, dos armamentos e das forças militares portuguesas.

Reconhecemos que a crise financeira, agravada pela escassez de alimentos e pelos inúmeros problemas de ordem econômica, contribuíram para que se desse toda a atenção ao comércio com os domínios afro-asiáticos. No entanto, estávamos chegando a um tal ponto que, se demorasse mais um pouco a ação da Coroa em relação ao Brasil, não sabemos se seria possível manter em mãos portuguesas aqueles imensos litorais.

Por outro lado, ficou a Europa devendo a Portugal um serviço inestimável: foram as naus e os homens das conquistas e das lutas na Ásia e na África, que desviaram do mundo cristão grande parte do poderio muçulmano, forçado a enfrentar os soldados lusos naqueles continentes.

A situação no Brasil, no entanto, se torna insustentável. O contrabando, a pirataria, a própria tentativa de ocupação, principalmente por parte dos franceses, adquirem gravidade cada vez maior.

Em boa hora Martim Afonso parte para aquelas terras. Não devemos subestimar a importância da sua missão. Missão espinhosa, árdua, difícil sob todos os aspectos. Mas, sem dúvida, de repercussões formidáveis nos próximos anos, se o Governador-Geral souber levar a bom termo as tarefas de que foi incumbido.

Que esses 400 homens que partem para o Brasil saibam fazer dos brasileiros grandes amigos e em suas terras plantem a semente de um grande império cristão.

JORNAL ECONÔMICO

PAPAGAIOS AMARELOS VALEM MAIS...

Os papagaios do Brasil estão sendo vendidos na França, logo que aprendem a falar francês, na base de 6 ducados cada um. Algumas espécies mais raras, principalmente os de penas amarelas, encontram preços maiores.

Sabedores da preferência dos franceses, os índios brasileiros conseguiram amarelar as penas dessas aves, depenando-as e expondo os seus poros a um tratamento com o sangue de determinadas rãs.

Desta forma estão obtendo grandes quantidades de papagaios amarelos, tão bem pagos pelos contrabandistas da França.

TABELAMENTO DE CARNE

Lisboa, 3, novembro, 1529 (Do observador econômico)

Uma decisão hoje promulgada estende a todo o país o controle da carne verde, acabando com os tabelamentos regionais que fracassaram por completo. De acordo com essa resolução, continua proibida a exportação, já agora também para os comerciantes e abatedores estrangeiros, principalmen-

te castelhanos, que não estavam sujeitos às duas leis anteriores.

Em 14 e 20 de agosto de 27, duas leis proibiam que portugueses exportassem carne e determinavam o tabelamento para venda do produto em cada cidade.

Nestes dois anos tais leis se mostraram grandemente propiciatórias à especulação, uma vez que os estrangeiros continuaram vendendo para o Exterior, enquanto todos os comerciantes procuravam negociar somente nas cidades onde ela podia ser vendida mais cara, ficando as outras sem o produto.

Por outro lado, os castelhanos vinham açambarcando a carne, pois podiam exportá-la a bons preços.

EXPEDIÇÕES AO RIO DA PRATA

Lisboa, 1530

As sucessivas expedições dos espanhóis ao Rio da Prata, influíram decisivamente para o envio da esquadra comandada por Martim Afonso de Sousa.

As expedições espanholas que buscaram encontrar ouro e prata ao sul do Brasil foram feitas em 1508, 1515, 1519 e 1526.

OS JOVENS DÊSTE SÉCULO

Nosso redator especializado em biografias fez um interessante levantamento sobre as idades de alguns dos homens que mais se destacaram nestes primeiros trinta anos do século XVI.

I — RAFAEL, falecido aos 38, com penas 20 anos já era famoso.

II — GASTÃO DE FOIX, duque de Nemours, morreu aos 22, deixando um nome fulgurante entre os grandes chefes militares franceses.

III — MIGUEL ANGELO aos 23 anos já era um gênio na escultura.

IV — D. JOÃO III começou a governar um dos dois mais importantes reinos da cristandade, com apenas 19 anos.

V — HENRIQUE VIII foi coroado rei aos 18 anos.

VI — FRANCISCO I tinha 21 anos quando subiu ao trono francês.

VII — CARLOS V, aos 16 era rei de Espanha e aos 19, se elegia Imperador do Santo Império Romano-Germânico, sendo coroado aos 30.

VIII — SOLIMÃO II, o Magnífico, tornou-se imperador otomano aos 25.

IX — CORTÊS, com 32 anos, assumiu o comando da expedição que conquistou o México.

X — CABRAL, com cerca de 30 anos, como capitão-mor de uma das maiores frotas portuguesas, descobriu o Brasil.



BÓLSAS PARA ESTUDANTES LUSOS EM PARIS

Lisboa, 1526

50 bólsas para estudantes portugueses no Colégio de Santa Bárbara, de Paris, foram abertas por D. João III, a conselho de seu irmão o cardeal D. Afonso.

É oportuno ressaltar que o referido colégio tem como reitor um português, Diogo de Gouveia, que é também, reitor da Universidade de Paris. Fontes oficiais informam que D. João estaria interessado em adquirir o Colégio Santa Bárbara.

FUNDADO O "COLÉGIO DE FRANÇA"

Paris, 1529

Francisco I, atendendo a insistentes e constantes sugestões e apelos do humanista Guilherme Budé, seu secretário e bibliotecário, acaba de fundar um novo e importante estabelecimento de ensino: o «Colégio de França» ou «Colégio do Rei».

Os membros da Universidade de Paris, em funcionamento desde 1150, não recebem com prazer esta notícia. Consideram que o novo Colégio veio fazer concorrência ao estabelecimento do qual tanto se orgulham.

Budé teve como principal objetivo, fundando o «Colégio de França», tornar mais especializado o estudo dos clássicos.

A MODA COMO ELA É

Penteados

Paris, 1530



A «jeunesse dorée» está usando os cabelos soltos sobre os ombros, com uma rede de pérolas.

As mulheres casadas adotam o capuz ou duas novas peças de influência toscana: a «ferronière», jóia presa à testa por um fio de ouro, ou, então, o penteado em «passe-filon», consistindo em duas tranças que passam através de jóias

circulares, fixadas à altura das orelhas.

Usa-se, ainda, a «coquille», barrete em forma de concha, de veludo vermelho, com quadriculados de fios de ouro, salpicado de pérolas e ornado com um florão que vai até sua metade.

Todos esses penteados deixam aparecer os cabelos, separados em dois cachos ondulados. Quando os cabelos não caem sobre os ombros, são levantados até a nuca, em forma de coque, escondido sob o capuz ou o barrete. A moda italiana difere nos penteados: os cabelos são envolvidos numa faixa de cambraia cravejada de jóias.



«São amarelos, legítimos, sim senhor.» (Veja «Jornal Econômico»)

Novas ordens religiosas

Roma, junho, 1528

O papa Clemente VII concedeu bula aos padres capuchinhos, autorizando-os a morar nas ermidas, mas sob a jurisdição dos irmãos menores observantinos (religiosos franciscanos fiéis à observância da regra primitiva). Já em junho de 1526, foi concedido por Clemente VII um breve com a mesma finalidade.

A ordem religiosa dos capuchinhos foi fundada em 1526 pelo irmão menor Mateus Basci. Trata-se de uma fração da ordem dos franciscanos, que tem como finalidade fazer voltar a essa ordem todo seu primitivo rigor. A denominação de capuchinhos deve-se ao fato de usarem seus membros um capuz mais longo e pontudo que o dos franciscanos.

Sabe-se que a resolução de Clemente VII, concedendo a bula aos capuchinhos, graças ao empenho de Basci e dos irmãos Luís e Rafael Fossombrone, trará à nova ordem uma série de grandes dificuldades.

Milão, 1530

O padre Antônio Maria Zaccaria, italiano, nascido em 1500,

em Cremona, fundou uma nova ordem religiosa para o combate ao espírito da Reforma. Dedicar-se-ão os membros dessa ordem ao ensino da juventude e à pregação.

O BRASIL EM JORNAL

Propriedade da EDITORA REFORMA S/A Rua México, 111, 5.º andar, g. 501, tel.: 22-6807 End. Teleg. REFORMA RIO DE JANEIRO

Secretário RUBEM DE AZEVEDO LIMA

Paginação WALDIR FIGUEIREDO

Ilustração HILDE e ADAIL

Chefe de oficina RAUL F. S. LOPES

Revisão GABRIEL CHAVES DE MELO

Promoção TITO S. CAVALCANTI

Número avulso... Cr\$ 10, Aéreo... Cr\$ 12,

Assinatura Anual: (24 números)... Cr\$ 200, Aéreo... Cr\$ 300,

**RUSSOS :
«GLUTÕES
SERVIS
E CRUÉIS»**

Alemanha, 1528

O diplomata Sigismundo Herberstein, de regresso de sua segunda viagem à Rússia, concedeu importante entrevista. Para o BRASIL EM JORNAL, fez declarações exclusivas que praticamente antecipam a orientação que será adotada por Herberstein no livro que vai escrever sobre as suas viagens :

— «A civilização russa me pareceu singularmente bárbara. Os russos são glutões em excesso. Bebem até cair. São servís, cruéis e conservam suas mulheres quase que permanentemente em prisão celular. Além disso, sua aparência não é das mais agradáveis. Usam longas e mal tratadas barbas, grandes chapéus e roupas compridas, o que contribui para tornar repugnante a falta de higiene em que vivem.»

EM SOCIEDADE

**Espôsa para
Carlos V**

Caia, Espanha (fronteira com Portugal), 14, fevereiro, 26

O Marquês de Vilarreal recebeu hoje, nesta cidade, a princesa Isabel, irmã do rei de Portugal, D. João III, desposada por procuração pelo imperador Carlos V. A princesa foi recebida por grande número de serviçais a pé e a cavalo. 40 mulas carregadas de presentes a esperavam. Muito "kar" a carruagem em que viaja Isabel, que tem um bellissimo reposteiro de veludo carmesim de magnífico efeito ao brilho do sol.

24 alabardeiros, vestidos com as cores principescas, e 24 moços de câmara acompanharam o cortejo até aqui. De Elvas, Isabel partiu cercada de 8 moços de estribeira com jaquetas de brocado e outros 8 com calças brancas e jaquetas de veludo preto.

À frente do cortejo o Rei d'Armas de Portugal e o Arauto com suas cotas forradas de veludo, além de 4 porteiros com suas maças de prata dourada e um criado com escadinha para a Princesa descer da mula que a transporta quando não se encontra na carruagem.

Este colunista pode informar que o momento da entrega foi emocionante. Em meio ao "society" aqui presente, e com grande massa popular em torno, os infantes Luís e Fernando, irmãos de Isabel, fizeram entrega da noiva ao Marquês, que envergava traje de cerimônia muito "kar".

A primeira visita recebida pela nova Rainha de Espanha foi a do duque de Beja, que deu entrada no palácio em que ela está hospedada, precedido de 8 trombetas, 5 chameleiros e 18 pagens.

Este colunista pôde verificar, também, que a grande cidade de Badajós, completamente engalanada, prepara-se para receber a Princesa. Touradas e torneios serão realizados.

**Conselhos de
Castiglione**

Roma, 1528

Baltasar Castiglione, no

**Preferiu a fogueira
à prisão perpétua**

Paris, 17, abril, 1529 (Urgente)

Louis de Berquin foi queimado vivo, hoje, na Praça da Greve, por causa dos livros e folhetos que escreveu desde 1522, defendendo a liberdade de consciência. Sua condenação determinava que ele tivesse a língua cortada e sofresse prisão perpétua. Apelou dessa sentença, preferindo ser queimado vivo. Tinha 40 anos.

Berquin era amigo de Erasmo de Rotterdam e, graças ao rei Francisco I e sua irmã, Margarida de Navarra, conseguiu escapar da prisão por duas vezes. Em 1522, convidado pela Faculdade de Teologia a abjurar suas opiniões sobre a liberdade de pensamento, recusou-se.

Desde fins do ano passado que a luta religiosa nesta cidade se agravou muito. Francisco I, sob a influência liberal de sua irmã a Rainha de Navarra, vinha temporizando e impedindo que seu chanceler, Duprat, assumisse atitudes drásticas. No entanto, na manhã de 2 de junho, foi descoberto um tremendo sacrilégio numa das igrejas de Paris : haviam mutilado uma estátua da Virgem. O povo se amotinou e exigiu punição enérgica e imediata para os responsáveis.

Duprat aproveitou a ocasião e deu início à execução de medidas violentas não só contra reformistas como, também, contra os que pregam a liberdade de imprensa.

O Concílio de Sens, reunido naquela cidade, no ano passado, sob a presidência de Duprat, oficializou a pena de morte na fogueira para os «pregadores de idéias subversivas».

livro que acaba de publicar — «O Cortesão» — descreve a corte de Urbino, onde tudo é prazer. Num magnífico palácio, esplendidamente decorado, cheio de objetos de ouro e prata, tapeçarias, pinturas etc., vive-se em festas.

As ceias, as danças e os jogos de charada cortam as noites; os cavaleiros sempre em colóquio com as damas.

Castiglione se mostra exigente com o que considera um cavaleiro perfeito, que, para ele, deve conhecer o grego, além do latim, para ler as grandes obras; deve escrever em prosa e verso;



CASTIGLIONE

A dama e o cavaleiro perfeitos

tocar diversos instrumentos; desenhar e pintar; montar bem; saber disputar um torneio a cavalo, tanto quanto um francês; jogar pau; tourear e lançar dardos como um espanhol, e jogar bem a pela.

O cavaleiro deve ter sangue frio, evitando as palavrões que possam enrubescer as damas, tudo fazendo no sentido de as agradar.

Deve conhecer as letras, a música, a pintura; deve dançar bem e conversar melhor.

Aí estão, em primeira mão, para nossos leitores e leitoras, os ensinamentos de um conhecedor profundo da alta sociedade.

As nossas leitoras devem prestar atenção ao que diz Castiglione, quando se refere a uma dama perfeita. Sem ela, o cavaleiro não valeria nada. Mas a dama deve ser amável, e saber conversar no plano do seu interlocutor. De porte tranquilo e modesto, sem perder a vivacidade de espírito, deve ser bondosa, mas não imprudente, pudica, suave, judiciosa e fina.

**PREÇOS ALTOS :
MOTINS
POPULARES**

Lião, França, 1, maio, 1529 (Urgente)

Esta cidade vem de ser tumultuada com levantes populares provocados pelos operários por causa do alto custo de vida e dos baixos salários que recebem os que não estão ligados às confrarias ou corporações. As agitações religiosas e o luxo ostentado pelos ricos comerciantes e banqueiros de várias nacionalidades, contribuíram seriamente para agravar ainda mais a situação.

De qualquer forma, foi a fome que comandou as depredações, assaltos, assassinatos e incêndios ateados pela massa que não encontra alimentos e, quando os encontra, não tem com que pagar os altos preços pedidos.

D. LEONOR, VIÚVA DE D. JOÃO II



A Santa Casa de Misericórdia de Lisboa convidou seus associados e o povo em geral para a missa de 5º aniversário fúnebre que manda celebrar amanhã às 10 horas em todas as igrejas de Lisboa, por alma de sua fundadora, protetora e grande benfeitora d. Leonor, viúva de João II, falecida a 17 de novembro de 1524 nesta cidade.

Lisboa, 16 de novembro de 1529.



BOURBON
Nada salvou

**PERDEU RIQUEZAS
PERDEU A HONRA
PERDEU A VIDA**

Paris, 30, junho, 1527

Um dos mais ruidosos processos da história de França se encerrou com a morte do Duque de Bourbon, antigo condestável de Francisco I, que servia Carlos V desde 1523, contra o seu próprio país.

Carlos, duque de Bourbon, conde de Montpensier e de La Marche, viúvo de Susana de Bourbon, foi o mais poderoso vassalo do rei de França. Pela sua bravura e pelos serviços prestados em 1515 na guerra com a Itália, tinha sido nomeado condestável do reino.

Foi com a morte de Susana que estourou o grande escândalo. A rainha Luísa de Savoia, mãe de Francisco I, reclamou a posse de vários domínios do Condestável. O Rei, invejoso do poderio, da riqueza e da glória do duque de Bourbon, levou ao Parlamento de Paris, em janeiro de 22, uma ordem de confisco de todas as suas terras e bens. O processo se arrastou em meio às maiores humilhações para o Condestável, até que em 18 de julho de 23 o desespero levou Bourbon a assinar um tratado com Carlos V, contra sua própria pátria. Em consequência, instaurou-se processo criminal por traição, em março de 1524, tendo Francisco I determinado a prisão de Bourbon que lutava contra a França, ao lado de Carlos V. Agora, com a sua morte violenta no saque de Roma, o processo se encerra definitivamente, uma vez que o Duque não deixou herdeiros.

Bourbon foi condestável com apenas 25 anos, quando Francisco I não tinha mais que 20. Aos 30, era um dos mais poderosos homens da Europa. Morre aos 37 anos.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Neste período, embora o número de obras aparecidas seja menor que no anterior, os bibliófilos têm boa qualidade para suas estantes.

Tivemos em 1526, o lançamento de um novo que promete. Trata-se do espanhol Inácio de Recalde, estudante de Gramática e Teologia em Salamanca. Seu livro recém-aparecido («Exercícios espirituais») prega dura austeridade para os cristãos e tem agradado bastante.

Outro trabalho do mesmo ano é o de Budé, «Anotações posteriores», aparecido na França.

Em 1528 surgiu uma obra da mais alta importância, na Itália: «O Cortesão», de Castiglione. Trata-se de um manual de bem-dizer, que nos põe diante dos olhos cenas da corte do duque de Urbino.

Em 1529 tivemos, do espanhol João Valdez, o «Diálogo de Mercúrio e Caron», bem como de Budé, na França, «Comentários da língua grega», de que o autor é profundo conhecedor.

**PIZARRO DESCOBRE
IMPÉRIO RICO
E PODEROSO**

Ilha de Górgona, dezembro, 1526

Traçando um risco na areia, Francisco Pizarro, chefe dos expedicionários espanhóis que aqui se encontram, convidou os que com ele queiram continuar esta aventura a passar para o seu lado. Apenas 13 o fizeram.

A expedição teve início em princípios deste ano, quando, com Diogo de Almagro e Fernando de Luque, Pizarro, depois de comprar os direitos de conquista do governador do Panamá, Pedrarias Davila, partiu para estas terras chamadas do Peru e nas quais já esteve, como noticiamos no número anterior.

O fracasso da primeira viagem não abateu o ânimo dos conquistadores. Eles para aqui vieram pela segunda vez, com 160 homens e alguns cavalos. Após uma série de peripécias, instalaram-se nesta ilha de Górgona, enquanto Dalmagro voltava ao Panamá para recrutar reforços. Voltou o barco, mas não Dalmagro. O novo governador, que substituiu Pedrarias, revoltou-se com o sacrifício de tantas vidas e seu emissário ordenou a Pizarro o retorno com os sobreviventes.

Foi então que o comandante num gesto dramático, traçou o risco na areia, resolvendo ficar com apenas 13 homens. Com essa escassa força vai enfrentar os índios, o clima e a região desconhecida e acidentada para, num esforço desesperado, realizar o sonho da conquista do Peru.

UM IMPÉRIO RICO

Toledo, setembro, 1527

Notícias chegadas do Panamá revelam que Pizarro e seus 13 companheiros, depois de sete meses de lutas, enfrentando temporais tremendos e morrendo de fome, viram retornar Dalmagro com reforço de viveres, armamento e a tripulação do barco em que chegou.

Completaram então 18 meses de expedição, retornando ao Panamá em julho deste ano. Podemos informar que Pizarro trouxe notícias importantíssimas da existência de um poderoso e rico império, onde, o ouro e a prata são encontrados em abundância.

Da Inglaterra, na mesma data, recebemos um exemplar do «Diálogo das heresias», do chanceler de Henrique VIII, Thomas Morus, autor do «best-seller» de 1518, «Utopia».

NOTÍCIAS LITERARIAS

Madril, 1526 — A tragicomédia de Callisto e Melibéa, de Fernando Rojas, escrita em 1499, sofreu modificações e apareceu agora em 22 atos. Callisto e Melibéa são dois enamorados, contrariados em seu amor. Ele morre num acidente e ela suicida-se ao receber a notícia do desastre. Personagem notável é a velha devota e intrigante Celestina.

Lisboa, 1527 — João Afonso, viajante e cosmógrafo, está escrevendo um livro sobre as viagens que fez ao Brasil. Em conversa com nosso correspondente de Lisboa, contou coisas interessantes do Rio Amazonas, onde, adiantou, os índios usam barcos, a correnteza é fortíssima e existem esmeraldas.

**MAQUIAVEL MORRE
DEIXANDO OBRA
INÉDITA:
"O PRÍNCIPE"**

Florença, 22, junho, 1527 —
(Urgente)

Acaba de morrer o escritor e estadista Nicolau Maquiavel, autor de importantes obras literárias. Sua morte está sendo bastante sentida nesta cidade, onde ele também nasceu. Maquiavel estava com 58 anos, e vinha de uma carreira agitada.

Em junho de 1498, com apenas 29 anos, foi nomeado 2º secretário da Chancelaria da República de Florença, cargo no qual permaneceu durante 14 anos. Foi chefe de várias legações no Exterior, revelando ser um hábil diplomata.

A restauração dos Médicis, em setembro de 1512, levou-o ao cárcere sob suspeita de «conspiração republicana», tendo, depois, se exilado em San Casciano, onde suas meditações solitárias produziram obra inacabada: «Discurso sobre a primeira década de Tito-Lívio».

Em 19, Maquiavel reaproximou-se dos Médicis, deixando de ser um ocioso funcionário do Estado. Nova reviravolta se deu com a reimplantação da República. Maquiavel, que estava incumbido de escrever a História de Florença, foi despedido de suas funções e considerado suspeito, pelo govêrno.

É cedo para se avaliar a personalidade do morto. A justiça manda, no entanto, que se diga que ele foi uma das mais vivas inteligências da época e um grande escritor pela forma concisa, sóbria e forte de suas obras. Por outro lado, mesmo os seus adversários reconhecem que Maquiavel sempre foi honesto, tendo saído da política pobre como nela entrou. Espírito realista, ardente patriota florentino, visou sempre a salvar sua pátria dos perigos que a ameaçaram. Era rebelde aos sentimentos religiosos e inimigo declarado do cristianismo, não escondendo seu culto extremado à antiguidade pagã.

FURO SENSACIONAL

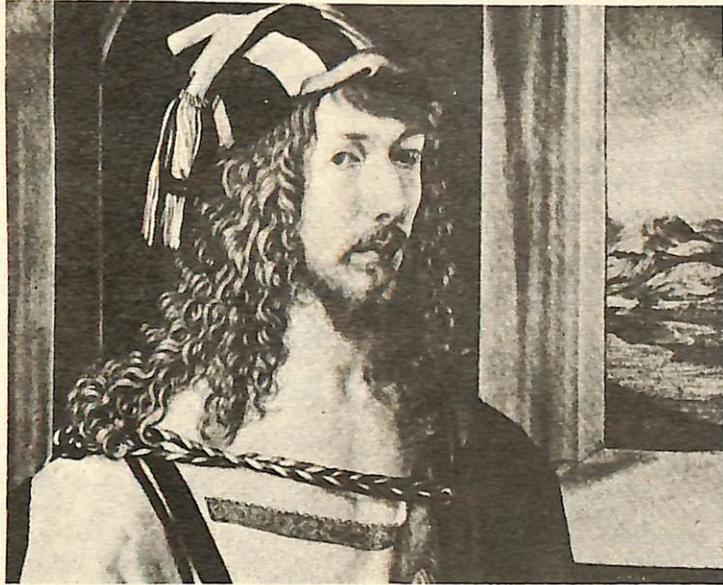
O repórter esteve na residência de Nicolau Maquiavel logo após a sua morte. Um dos seus íntimos nos mostrou, então, obra inédita por ele escrita e ainda nos rascunhos. Em primeira mão transmitimos esta notícia, informando que ela se intitula «O Príncipe», terminada desde 1513 e na qual ele define a arte de criar e manter o Estado, através de uma política positiva, sem escrúpulos e sem piedade. Essa política subordinaria aos seus fins a lei e a moral, calculando friamente os meios, sem considerar os sentimentos e as paixões dos homens, suas crenças ou suas idéias.

T E A T R O

Valência, Espanha, 1526

Esta cidade conta com nova casa de espetáculos. Trata-se da Casa de Representações e Farsas

**PINTOU TÃO BEM
QUANTO OS
GÊNIO ITALIANOS**



DÜRER
Como éle próprio se viu

Nuremberg, 1528

Morreu Alberto Dürer, o mais famoso pintor alemão e também gravador, escultor e arquiteto. Foi um pensador ao mesmo tempo que artista e, nesse aspecto, merece figurar ao lado de Leonardo da Vinci e de Miguel Ângelo. Dêle disseram os italianos que teria sido seu maior pintor se tivesse podido viver em Roma ou em Florença.

Nascido nesta mesma cidade, em 1471, Dürer dedicou-se, de início, à ourivesaria, ofício de seu pai. Em 1490, esteve em Colmar, Bâle e Veneza, onde sofreu a influência de Mantegna e Bellini.

Depois de sua peregrinação artística, Dürer voltou à sua cidade natal, em 1507, quando começou sua grande e fecunda atividade, não só como ar-

tista, mas também como literato e intelectual, pois esta cidade é hoje um centro do humanismo e Dürer foi amigo e pintor dos humanistas.

Suas obras-primas são o «Retrato de Jerônimo Holzhuher» e os «Quatro Apóstolos», esta última considerada a obra mais grandiosa da escola alemã, parecendo denunciar como que um apêlo aos evangelistas, para que tragam de volta o Cristianismo à sua pureza original.

Por suas gravuras é Dürer considerado superior aos italianos e posto em pé de igualdade aos maiores gênios de todos os tempos. «São Jorge» e «O Cavaleiro e a Morte», além de outras, revelam uma profundidade de pensamento e uma ciência da forma só encontráveis num Miguel Ângelo ou num Da Vinci.

**CIGANOS
EXPULSOS
DE PORTUGAL**

Lisboa, 13, março, 1526

Para combater a vagabundagem e a mendicância, o rei D. João III assinou hoje um decreto expulsando do território português todos os ciganos.

Uma bela cigana que costumava dançar e cantar acompanhando-se de seu pandeiro, nas ruas desta cidade, foi ouvida pelo repórter quando se preparava para embarcar numa galera que se destina à França.

Entre lágrimas, ela nos disse: — «Desde pequenina que aprendi a amar esta bela cidade. Jamais fiz mal a alguém. Pago por esta sina que persegue a minha raça no mundo inteiro: o nomadismo. Tudo de mal que acontece a todos, se estamos por perto, somos nós, os ciganos, culpados. Digo adeus a Portugal com a certeza de que um dia voltarei»

**Margarida,
Rainha
de Navarra**

Paris, 1527

(Do correspondente)



Margarida de Angoulême, viúva de Carlos IV, duque de Alençon, e irmã do rei Francisco I, tornou-se Rainha de Navarra, pelo seu novo casamento, desta vez com Henrique II d'Albret, Rei de Navarra.

Margarida, com sua excepcional inteligência e escrupulosa moralidade, é o centro da elegante corte de seu irmão Francisco I, ao qual dedica a mais profunda amizade, a ponto de ter ido à Espanha, em 1525, para obter do imperador Carlos V condições menos rigorosas para a libertação de Francisco.

Margarida vive mais em Nérac, protegendo os reformados, o que lhe tem custado a acusação de haver aderido secretamente aos ideais reformistas.

Justiça mais rápida.

Lisboa, 5, julho, 1526

S. Majestade, o rei D. João III, reuniu hoje pela manhã os jornalistas credenciados junto ao Palácio real fazendo as seguintes declarações:

— «Vendo o muito tempo que se gastava para processar e ordenar os feitos de que se seguiam grandes despesas e prejuízos e querendo acabar com isto, dando mais brevidade e menos trabalho e gastos às partes, mandei estudar, por letrados, o remédio necessário».

Interrogado pelo representante de O BRASIL EM JORNAL, D. João III explicou: — «Foi com o parecer desses letrados e de membros do meu conselho que fiz a ordenação a propósito da ordem em juízo, contida em lei que hoje entra em vigor. Aliás, antes de mandar aplicar em todos os meus reinos e senhorios essa ordenação, coloquei-a em prática na minha corte e na Casa de Suplicação, para que com essa experiência se pudesse conhecer da brevidade e proveito que adviriam ou dos inconvenientes que houvesse. Por já se terem passado dois anos de experiência, comprovada a excelência da lei, ordeno e mando que ela seja cumprida em todos os meus senhorios e reinos».

**MINISTRO PECULATÁRIO
CONDENADO À MORTE**

Paris, 11, agosto, 1527

foi inútil para cobrir os «defeitos» da Coroa.

Jacques de Beaune de Semblançay, antigo superintendente das finanças reais de França, foi executado depois de condenado por peculato, concussão e traição, na administração dos dinheiros da Coroa. Semblançay morreu aos 62 anos, depois de uma carreira vitoriosa como financista. De 1518 a 1521 foi pessoa de confiança do Rei. Nesse ano, no entanto, toda a sua habilidade

conseguiu justificar-se convencendo os juizes de que não cometera crime algum na administração financeira do Reino. No entanto, novamente processado, não conseguiu livrar-se de várias acusações, principalmente a de que transformara ricos banqueiros e comerciantes de Lião em credores «muito perigosos» de Sua Majestade Francisco I.

PINTURA



Dos «vernissages» a que presenciamos, neste período, destacamos, especialmente, os trabalhos de que estampamos clichês: 1 — «A Ceia», de André del Sarto; 2 — «A Virgem da Família Pesaro», de Ticiano; 3 e 5 — «Os Apóstolos», de Alberto Dürer; e 4 — «A Madona de São Jerônimo», de Antônio Allegri, mais conhecido como Corregio.

Além destes quadros que merecem a atenção dos apreciadores da boa pintura, muitos outros de grande valor apareceram neste período, mas não os anotamos por não tê-los visto nos salões.



QUANTOS SÃO OS PORTUGUESES?

Lisboa, 17, junho, 1527

Quantos são os portugueses? Esta é a pergunta que deverá ser respondida com o decreto hoje assinado por D. João III, determinando que se faça em todo o país um recenseamento geral.

Algumas fontes interpretam essa medida como levantamen-

to que dará uma idéia das perdas sofridas com as viagens de descobrimentos e conquistas. Outras admitem que o que está interessando é uma apuração do estado das finanças do reino. Outras, ainda, acham que é designio de S. Majestade saber ao certo o número de escravos que servem na metrópole e que devem subir a um total elevadíssimo.

PORTUGAL PAGA FORTUNA POR ILHAS SUAS

Saragoça, 22, abril, 1529

D. João III, rei de Portugal, vai pagar 350 mil ducados de ouro a Carlos V, para garantir a posse das Ilhas Molucas.

O Tratado assinado hoje, depois de longos debates entre geógrafos e diplomatas portugueses e espanhóis, no estudo da aplicação do Tratado de Tordesilhas, foi grandemente prejudicado pela cobiça e pela intransigência.

No ano passado, Jorge de Meneses, capitão da fortaleza portuguesa das Molucas, bombardeou uma nau espanhola.

Carlos V há pouco tempo solicitou de D. João III um empréstimo para enfrentar a aliança de Francisco I com Henrique VIII. Alegando grandes despesas com as colônias, o rei de Portugal negou o empréstimo, mas propôs ao Imperador ceder a Portugal todos os direitos reclamados pelos espanhóis sobre as Molucas, consideradas, de fato e de direito, como terras de domínio luso.

Com a assinatura do Tratado hoje concluído, Carlos V se compromete a não mais fazer qualquer reclamação sobre aquele território.

Lisboa, 30, maio, 1529 (Urgente)

— "Considero altamente prejudicial e lesivo a Portugal o Tratado assinado em Saragoça. Portugal pagou pelo que é seu a fabulosa soma de 350 mil ducados de ouro. D. João III agiu mal. Jamais poderia ter comprado aquilo que é nosso e que deveríamos sustentar a ferro e fogo".

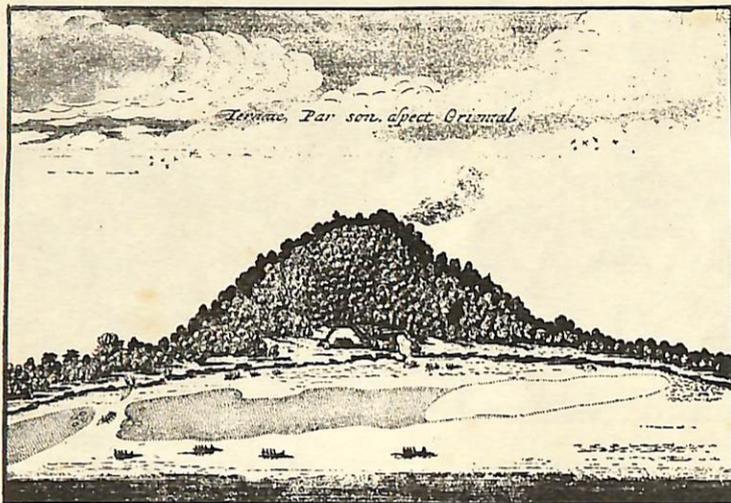
Esta declaração foi feita a O BRASIL EM JORNAL por um dos membros do Conselho da Coroa, que, por motivos óbvios, não podemos identificar.

FOME INVADE FLORENÇA

Florença, 1528 (Urgente)

As portas desta cidade foram fechadas e permanecem rigorosamente patrulhadas, para evitar a invasão dos famintos camponeses da Toscana, cujos campos devastados não produzem coisa alguma.

Há três anos, em Roma e Nápoles, a fome levou a morte e a peste a nove décimos da população dessas cidades. Os florentinos se mostram apavorados com a situação.



Esta é uma perspectiva das ilhas Molucas, justamente o lado oriental de uma delas, a Ternate.

Os astecas, seu imperador, sua cidade

Aí está a grande cidade de Tenochtitlan, capital do México, com uma população estimada entre 300 e 600 mil habitantes. Complementando a reportagem que publicamos na edição anterior, nosso correspondente nos manda agora esse flagrante da cidade lacustre, no qual se pode perfeitamente ver as poucas vias de acesso sobre o lago e as pequenas cidades que se erguem em volta, na terra firme.

Em primeiro plano, vê-se a grande frota de pequenos barcos que patrulhavam as águas em torno da cidade, assim como os fortins que formam pequenas ilhas.

Os astecas possuem escrita hieroglífica e desenham figuras e objetos com habilidade; trabalham o ouro, a prata, o cobre e a pedra e são mestres em cerâmica e na confecção de tecidos de diversas fibras, enfeitados com plumas de aves. Sua economia se baseia no trigo e na agricultura em geral. Eles dominam quase quatro centenas de nações mexicanas que lhes pagam tributos. Cada ano para eles tem 20 meses e cada mês 20 dias. Suas cidades são magnificamente construídas e seus templos e imagens representam extraordinários trabalhos de arquitetura.

VÃO-SE OS ANÉIS, FICAM OS DEDOS...

Lisboa, 1529

— «Portugal deve abandonar as praças militares de Ceuta, Tanger e Arzila». Esta foi a sensacional declaração feita hoje, a O BRASIL EM JORNAL, pelo duque de Bragança, sobre a grave situação das posições portuguesas na África.

— «A ameaça dos mouros e marroquinos é cada vez maior. Para poder enfrentar o seu crescente poderio bélico e humano, precisamos concentrar nossas tropas, que são poucas, somente em Safim e Azamor, se quisermos evitar duros reveses e perdas irreparáveis na África».

O duque de Bragança vem sustentando esse ponto de vista junto ao Rei contra a opinião de muitos outros conselheiros.

Agora que os conquistadores espanhóis dominam todo o planalto do Anahuac e as nações indígenas que o habitam, podemos descrever, com mais calma, o que é a civilização asteca, seus esplendores e seus bárbaros costumes.

Tomemos como exemplo a vida suntuosa de Montezuma, o infeliz monarca assassinado por seus próprios súditos. Habitava ele um magnífico palácio, que mandara construir, embora já dispusesse da espaçosa residência de seu pai, Axayacatl. É uma imponente construção composta de várias dependências para usos diversos.

Uma delas era destinada às armas. Outras abrigavam pássaros de esplêndida plumagem, capturados em regiões do Império, além de aves ferozes. Jaulas encerravam feras trazidas das selvas e pântanos, figurando também répteis e serpentes venenosas.

Seres monstruosos faziam parte da estranha coleção do chefe asteca, como anões e outras criaturas igualmente deformadas, consideradas como objetos de luxo.

Grandes jardins circundavam os edifícios reais, com flores de suave fragrância, e, principalmente, plantas medicinais. Fontes numerosas embeleza-

Verrazano esquartejado

Paris, 1529 (Do correspondente)

Giovanni da Verrazano e seis companheiros foram barbaramente esquartejados e depois devorados por indígenas de uma ilha do Mar das Antilhas. A notícia foi agora confirmada, entre outros, por seu irmão Girolamo.

Verrazano fazia uma segunda viagem visando a alcançar o Oriente, tendo sido seus financiadores, entre outros, o almirante Chabot e o comerciante João Angô, o mesmo que conseguiu carta de corso do rei Francisco I. Em 1523, na primeira viagem, o navegador florentino tentara encontrar uma passagem nas novas terras, sem sucesso. No entanto, com sua nau "Dauphine" percorreu terras do continente descoberto por Colombo, batizando-as de "Francesca". Outros nomes, franceses, foram por ele dados a diversos locais onde aportou.

A primeira viagem, segundo conseguimos apurar, contou com o apoio de Francisco I e foi subvencionada por banqueiros italianos e alguns franceses.

vam os jardins, e, em dez imensos tanques, nadavam peixes de todas as espécies.

A vida doméstica de Montezuma também cercava-se de magnificência. Tinha tantas mulheres como qualquer sultão. Cada uma delas vivia em aposentos próprios, empregando seu tempo em tecer e bordar. Mantinham o mais absoluto decôro, sob a vigilância de velhas servidoras do palácio real.

Montezuma se banhava pelo menos uma vez ao dia, num dos seus numerosos banheiros. Mudava de roupa quatro vezes.

Um número incontável de nobres povoava os corredores e antecâmaras, à espera de audiência ou servindo de guardacostas ao chefe asteca. Montezuma só se fazia atender, em suas múltiplas atividades, por nobres da mais alta linhagem.

Ninguém o acompanhava nas suas refeições. Comia só.

Um grande salão, atapetado de esteiras, juncava-se de pratos das mais variadas iguarias, aquecidos por braseiros. Compunham-se de animais domésticos ou caçados nos bosques, ou de peixes do golfo do México. Pastéis de farinha de milho, ovos ou açúcar eram a sua sobremesa. Montezuma, pessoalmente, ou seu mordomo, escolhia o «menu» do dia. Bebia chocolate sazonado com baunilha (bebida por nós desconhecida), em copos de ouro ou em conchas de tartaruga.

Terminada a refeição, traziam cachimbos ricamente dourados e lavrados, com os quais Montezuma aspirava o fumo do tabaco misturado com âmbar, enquanto se divertia com as exibições dos saltimbancos e jograis ou com as danças executadas pelas concubinas. Depois de dormir, dava audiências, assessorado por vários secretários.



TENOCHTLITAN

A 2.500 metros de altitude ergue-se ao lago onde ficaram sepultados centenas de espanhóis.

A EUROPA ÀS VÉSPERAS DE GRAVES CONFLITOS RELIGIOSOS

Smalkade, Alemanha, 31, dezembro, 1530 (Urgente)

Uma liga das cidades e principados protestantes está sendo organizada para resistir e reagir contra os católicos chefiados pelo imperador Carlos V. Em primeira mão, podemos informar que os organizadores da liga são os príncipes João de Saxe e Filipe de Hesse, o Magnífico, irmão do falecido Frederico o Sábio, protetor de Lutero.

Observadores imparciais admitem que a empresa será coroada de êxito. A luta religiosa é iminente e teve origem definitiva nos últimos acontecimentos. A 15 de novembro, Carlos V assinou um decreto restabelecendo a jurisdição católica sobre as cidades protestantes, em consequência da Dieta de Augsburgo, realizada a 20 de junho, numa tentativa frustrada de conciliar católicos e protestantes de todas as tendências.

Nessa assembleia, o escritor Melancton representou Lutero, mas, muito conciliador e oportunista, cedeu a quase todas as pretensões dos católicos, chegando a afirmar: — «Nós temos pelo Papa um profundo respeito». Logo que soube da atitude de Melancton, Lutero, ouvido pelo repórter, declarou: — «Ele não tinha autoridade para capitular tão vergonhosa e covardemente. Para mim, o Papa e os seus não passam de autênticos demônios». Por outro lado, o reformador suíço, Zwingli, determinou aos seus seguidores que não endossassem as capitulações de Melancton e reagissem enérgicamente.

Graves acontecimentos estão sendo previstos, uma vez que Carlos V se mostra disposto a acabar com os protestantes a ferro e fogo, não sendo menos exato que estes, com a liga militar em formação, anunciam resistir a qualquer preço.

LUTERO E ZWINGLI NÃO SE UNIRAM

Castelo de Marburg, Alemanha, 30, setembro, 1529

Lutero e Zwingli romperam violentamente na conferência decisiva que mantiveram neste castelo de Filipe de Hesse.

O encontro desses dois líderes da reforma segue-se ao fracasso da Dieta de Spira, onde, pela primeira vez, se reuniram para debater as questões religiosas, católicos, luteranos e zwinglianos. A Dieta, que se encerrou em março, apresentou os católicos em bloco, votando contra forças divididas e irreconciliáveis de Lutero, Zwingli e outros. Como resultado, foram aprovadas determinações que proibiram a propagação do luteranismo, nos Estados católicos, enquanto os católicos conservaram o direito de pregar nos centros luteranos. Os zwinglianos, assim como os anabatistas, foram considerados proscritos em toda a Alemanha.

Contra essas resoluções protestaram com veemência e energia 5 principados e 14 cidades, o que lhes valeu e a todos os reformistas, nos últimos meses, o adjetivo de «protestantes».

A conferência entre Lutero e Zwingli foi de iniciativa de Filipe de Hesse, com o apoio dos franceses, uma vez que todos supunham que, com a derrota sofrida em Spira, os dois líderes se unissem para enfrentar os católicos.

Depois do rompimento conseguimos obter de Lutero a seguinte declaração: — «Não pude deixar de reagir brutalmente contra o que considero

uma heresia inadmissível de Zwingli: a negação da presença real na Eucaristia. Isto nos separa de uma vez por todas». De outro lado, Zwingli se limitou a dizer-nos: — «Lutero não passa de um intransigente personalista».

CASAMENTO DE LUTERO

Castelo de Wittemberg, Alemanha, 1526 (Do enviado especial)

Está confirmada a notícia que nos trouxe até este castelo, onde o dr. Martinho Lutero se encontra desde 1522, sob a proteção de Frederico, o Sábio.

Falando a este repórter, êle declarou: — «De fato, casei-me. Minha esposa é uma antiga freira, Catarina de Bora. Desde o momento da nossa união, no ano passado, tenho sido muito feliz e declaro que, apesar do que dizem os meus detratores, o casamento deveria ser permitido a todos os que pregam a religião».

ROMPIMENTO COM ERASMO

Paris, janeiro, 1526

Notícias chegadas da Alemanha e confirmadas aqui, informam que o humanista e escritor Erasmo de Rotterdam rompeu definitivamente com Martinho Lutero, principal líder da luta reformista contra a Igreja.

O rompimento se deu com a publicação do livro de Lutero intitulado «De servo arbitrio», brutal resposta ao anterior de Erasmo: «De libero arbitrio». Com isto, perde o líder reformista um dos homens que maior prestígio vinha emprestando à sua campanha.

VASA CONFISCA BENS DA IGREJA

Upsala (Suécia), 1530

Gustavo Vasa é, hoje, o senhor absoluto do Estado e da religião luterana, declarada oficial pela Dieta de Vesteras, em junho de 1527, quando foram postos à disposição do Rei os bens do clero.

Gustavo, eleito rei pela Dieta de Strengnas, em 27 de maio de 1523, foi o fundador da monarquia nacional sueca, tendo que enfrentar dívidas esmagadoras. Decidiu, então, que o clero pagaria o ônus advindo da guerra de libertação, passando a inclinar-se pelas idéias de Lutero, encontrando apoio nas novas comunidades reformistas.

A decisão do Rei em adotar definitivamente o luteranismo, deve-se também ao fato de que as regiões setentrionais da



Este é um flagrante da Dieta de Augsburgo, presidida pelo imperador Carlos V, que está sentado sob o pálido. Estão presentes o rei da Hungria, Fernando, cardeais, príncipes alemães e outras personalidades.

Alemanha, com as quais a Suécia mantém estreitas relações comerciais, passaram a professar a nova religião.

Foi em fevereiro de 1529, no concílio nacional de Örebro, que a nova Igreja adotou oficialmente a doutrina e, salvo algumas cerimônias romanas, a liturgia de Lutero; organizou-se, como a de Saxe ou de

Hesse, sob a tutela e o controle do príncipe reinante. Conservou alguns bispados e arquibispados, dirigidos pelo primado desta capital.

Na realidade, Gustavo, cercado de enorme prestígio, o que faltou aos que o antecederam no trono, exerce atualmente sobre o clero luterano uma autoridade quase sem limites.

CARDEAL FALA SOBRE REFORMA

Comércio de dinheiro dá lucros enormes

Os maiores banqueiros do mundo, a Casa Fugger, chefiada por Jacó Fugger, estão obtendo lucros extorsivos no comércio de dinheiro. Seus empréstimos são feitos a juros enormes, principalmente aos nobres e pequenos comerciantes.

Nosso observador econômico calcula que os Fugger estejam, com seu capital equivalente a cerca de Cr\$. 400 milhões, ganhando lucros que atingem a média de 54% ao ano.

Os devedores relapsos são perseguidos impiedosamente. Os Fugger não respeitam nem mesmo os soberanos, aos quais fazem empréstimos, como no caso do imperador Carlos V, de acordo com o que noticiamos na edição anterior. Todos são cobrados no mesmo pé de igualdade, com a utilização dos recursos mais drásticos.



Eis uma oficina de cunhar moedas em pleno funcionamento. Cada reinado, cada principado, cada grande senhor, cunha suas moedas.

"TERROR DO DIABO" AFUNDA FROTA ESPANHOLA

Oliva, Espanha, 1529 (Urgente)

O comandante espanhol Portundo e sete das oito galeras carregadas de soldados com as quais perseguia o pirata argelino Aidim, que serve a Barbarroxa, foram para o fundo do mar num combate naval em que o corsário mouro estava absolutamente inferiorizado.

Neste porto, agora em pânico, estavam prisioneiras dezenas de famílias mouras escravizadas, que haviam conseguido enviar mensagem para o Exterior, prometendo altos prêmios a quem as libertasse. Aidim soube da oferta e, depois de várias incursões vitoriosas no Mediterrâneo, resolveu dar o golpe-de-mão sobre este porto.

Surgiu à noite com sua embarcação e, de surpresa, fez embarcar duzentas famílias mouras fugindo com elas. Dado o alarme, o comandante Portundo daqui partiu com oito galeras armadas.

Os sobreviventes, tripulantes da única que escapou, foram ouvidos em Ivizza pelo nosso correspondente.

— «Perseguíamos de perto Aidim, quando, próximo a Formentara, vimo-lo deixar em terra os escravos roubados, com certeza para aliviar seu barco e desenvolver melhor velocidade na fuga. No entanto, qual não foi a nossa surpresa, quando o pirata carregou sobre nós e, em furiosa e diabólica manobra, afundou nada menos de sete das nossas oito galeras!»

Aidim, que vem de impor tão duro revés aos espanhóis, é apelidado, por suas façanhas incríveis, «O Terror do Diabo».